

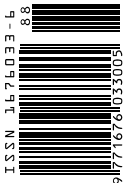
sesc^{tv}

Julho/2014 - edição 88
sesc^{tv}.org.br

DOCUMENTÁRIO
**OS DESAFIOS DA
MULHER ARTISTA NA
VIRADA DO SÉCULO
19 PARA O 20**

SESC NA COPA
CURTAS-METRAGENS
DOCUMENTAIS
SOBRE A PAIXÃO
PELO ESPORTE

MÚSICA
BLACK STAR:
O ENCONTRO DOS
RAPPERS MOS DEF E
TALIB KUWELI





CORES DO FUTEBOL

Documentários em curta-metragem sobre a paixão pelo futebol e como esse esporte interfere nas relações culturais e sociais.



FUTEBOL É PAI

Direção: Lina Chamie

COMERCIAL F.C. A EQUIPE FANTASMA

Direção: Ugo Giorgetti



O POETA AMERICANO

Direção: Lírio Ferreira

Dia 10/7, quinta, às 21h **L**

Assista em sesctv.org.br/aovivo

O LEGADO DA ARTE

A arte rompe barreiras, derruba preconceitos, supera limitações. Quatro artistas brasileiras que viveram entre o final do século 19 e início do século 20 tiveram talento e persistência para se expressar, por meio da arte, deixando um legado que vai muito além de suas próprias obras. São elas: Gilka Machado, na literatura; Georgina de Albuquerque e Nicolina Vaz de Assis, nas artes visuais; e Chiquinha Gonzaga, na música. Elas abriram caminho para outras mulheres, tornando-se uma inspiração, um marco e uma referência na arte brasileira.

A história dessas quatro artistas é tema do documentário *Mulheres Luminosas*, direção de Pedro Pontes, que o SescTV exhibe neste mês. O filme resgata, com depoimentos de estudiosos e familiares, a trajetória dessas mulheres e das condições históricas da sociedade da época.

Outro destaque do canal no gênero documentário é a estreia de três filmes de curta metragem inéditos, realizados a convite do Sesc, que abordam a paixão pelo futebol: *Futebol é Pai*, direção de Lina Chamie; *Comercial F.C. – A Equipe Fantasma*, de Ugo Giorgetti, e *O Poeta Americano*, dirigido por Lírio Ferreira. Os curtas integram o projeto Cores do Futebol, uma iniciativa da TAL – Televisão América Latina em que canais de TVs públicas, educativas e culturais com finalidade pública de diferentes países foram convidados a realizar produções inéditas sobre o tema.

Na faixa musical, show do Black Star reúne os rappers norte-americanos Mos Def e Talib Kweli, retomando uma parceria iniciada na década de 1990.

A Revista do SescTV deste mês entrevista Mana Pontez, produtora e idealizadora do documentário *Mulheres Luminosas*. O artigo do cineasta e mestre em Comunicação Caio Lamas aborda as diferenças entre o Cinema Novo e o Cinema Marginal, tema presente também em episódio inédito da série Contraplano. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

CAPA: Documentário *Mulheres Luminosas*
Foto: Divulgação

ÍNDICE

DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO 4

ENTREVISTA - Mana Pontez 8

ARTIGO - Caio Lamas 10

Embate ideológico



FILME MACUNAÍMA. FOTO: DIVULGAÇÃO

O cineasta Glauber Rocha afirmava que o Cinema Marginal era um filho bastardo do Cinema Novo. Já Rogério Sganzerla acusava o Cinema Novo de ser um movimento conservador e de direita. Não é de hoje, portanto, o embate ideológico envolvendo esses dois movimentos da arte cinematográfica brasileira, que coexistiram num mesmo período e contexto social no País, mas que buscaram estabelecer suas especificidades, muitas vezes contrapondo-se um ao outro. Se, por um lado, o Cinema Novo era visto também como um movimento engajado e crítico, o Cinema Marginal, por outro, era reconhecido por sua linguagem mais escrachada, de experimentação e nem por isso despedido de crítica.

Para o filósofo Celso Favaretto, a principal diferença entre os dois movimentos é a época política. “O Cinema Novo surgiu num momento político onde a ilusão revolucionária estava no auge na sociedade. Com o regime militar implantado após 1964 e, especialmente, depois do AI-5, em 1968, as perspectivas revolucionárias transformaram-se e o cinema também.” É nesse novo contexto que surge o Cinema Marginal. “Não seria tanto uma rejeição ao Cinema Novo, foi uma necessidade interna de mudança, exatamente da orientação daquilo que se entendia como revolução e transformação”, acredita.

Para o poeta Geraldo Carneiro, trata-se de um conflito geracional. “Essas diferenças eram circunstanciais, do modo de produzir, de relações políticas pessoais, ou até mesmo de problemas afetivos.” Há distinções também no cenário dos filmes: enquanto o Cinema Novo focalizava especialmente o povo rural, o Cinema Marginal era urbano, motivado pelo êxodo para as cidades que o País vivia na época. Nesse contexto, um filme daquele momento conseguiu reunir elementos dos dois movimentos e, dessa forma, tornou-se um marco: *Macunaíma* (1969). “Ele abre o campo para aquilo que vem depois que é exatamente a experimentação”, afirma Favaretto.

O debate entre Cinema Novo versus Cinema Marginal é tema de episódio inédito da série Contraplano, que o SescTV exhibe neste mês. Celso Favaretto e Geraldo Carneiro analisam os filmes: *O Desafio* (1966), de Paulo Cesar Saraceni; *Bang Bang* (1971), de Andrea Tonacci; *Os Fuzis* (1964), de Ruy Guerra; *O Bandido da Luz Vermelha* (1968), de Rogério Sganzerla; e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1963), de Glauber Rocha. Além de *Macunaíma* (1969), de Joaquim Pedro de Andrade. Ainda neste mês, quatro outros episódios da série discutem os temas: droga, censura e tabus. Contraplano tem direção de Luiz R. Cabral.

EPISÓDIO INÉDITO DA SÉRIE DEBATE AS DIFERENÇAS ENTRE O CINEMA NOVO E O CINEMA MARGINAL

▶ CONTRAPLANO

Sextas-feiras, às 22h

Droga

Com Hugo Possolo e Tadeu Chiarelli
Dia 4/7

16

Censura

Com Ugo Giorgetti e Tales Ab' Saber
Dia 11/7

16

Tabus

Com Ivana Bentes e Mary Del Priore
Dia 18/7

16

Cinema Novo versus Cinema Marginal

Com Celso Favaretto e Geraldo Carneiro
Dia 25/7

14

Futebol arte

FOTO: DIVULGAÇÃO



O futebol é feito de diferentes cores, timbres e movimentos. Suas jogadas ultrapassam os limites dos campos, invadem arquibancadas e mobilizam torcidas. Estabelecem novos diálogos para além das relações do esporte, por meio dos cantos e das coreografias de seus torcedores, num uníssono que contagia os jogadores que, por sua vez, respondem com novas e inspiradas jogadas. Trata-se também de um espetáculo, portanto. Uma manifestação da cultura que se incorpora à rotina das pessoas, pauta conversas, inspira encontros, gera histórias. Não são poucos os cineastas que se interessaram em retratar esse universo, traduzindo essa paixão em ficção ou documentários.

É o caso dos diretores brasileiros Lina Chamie, Ugo Giorgetti e Lírio Ferreira, que já declararam, através de seus trabalhos, interesse particular pelo tema. Eles foram convidados para o seguinte desafio: realizar um filme, com dez minutos de duração, que tratasse o futebol com um olhar autoral. Seria sua experiência pessoal sobre esse esporte, em linguagem audiovisual. O resultado são os três curtas-metragens inéditos que o SescTV exhibe neste mês: *Futebol é Pai*, de Lina Chamie; *Comercial F.C. – A Equipe Fantasma*, de Ugo Giorgetti; e *O Poeta Americano*, de Lírio Ferreira.

Os filmes, realizados a convite do Sesc, integram o projeto Cores do Futebol, idealizado pela TAL – Televisão América Latina, com apoio da *Glomex - Global Media Exchange*, que consiste na realização de produções inéditas sobre o tema, por canais de TV de países dos cinco continentes, dentre os quais o SescTV.

Lina Chamie decidiu tratar da relação familiar envolvendo o futebol, que passa de pai para filho. Ela acom-

panha um garoto que vai a um estádio assistir ao jogo de seu time do coração, o Santos Futebol Clube, pela primeira vez, sem a companhia dos pais. As surpresas, as reações e as descobertas do menino são mostradas no filme *Futebol é Pai*. A história de um time paulista já extinto, o Comercial Futebol Clube, é o assunto do curta de Ugo Giorgetti. Ele entrevista ex-jogadores e ex-torcedores para refazer a trajetória do time, que chegou a disputar campeonatos da primeira divisão até 1962. Poesia e amor pelo esporte se unem no filme de Lírio Ferreira, que apresenta, por meio de um tratamento poético, a ligação do escritor pernambucano João Cabral de Melo Neto pelo América Futebol Clube, paixão essa que aparece em alguns de seus textos.

LINA CHAMIE, UGO GIORGETTI E LÍRIO FERREIRA MOSTRAM SEUS OLHARES SOBRE O FUTEBOL EM FILMES INÉDITOS

▶ DOCUMENTÁRIO

Cores do Futebol

Futebol é Pai, de Lina Chamie
 Comercial F.C. – A Equipe Fantasma,
 de Ugo Giorgetti
 O Poeta Americano, de Lírio Ferreira
 Dia 10/7, às 21h



Mulheres revolucionárias

FOTO: DIVULGAÇÃO



Talento, habilidade e um olhar sensível não eram os únicos pré-requisitos para uma mulher se tornar artista no Brasil do final do século 19 e início do século 20. Era preciso, também, determinação, força de vontade e uma certa dose de teimosia para romper as barreiras da sociedade da época, que, seguindo o ideário burguês, impunha restrições à circulação pública da mulher, restringindo-a a um papel social prioritariamente da esfera privada. Quatro artistas, em particular, enfrentaram essas dificuldades e abriram espaço para mulheres das gerações seguintes: a poetisa Gilka Machado; a pintora Georgina de Albuquerque; a escultora Nicolina Vaz de Assis; e a musicista Chiquinha Gonzaga.

“Elas queriam ser vistas como artistas boas, não artistas *mulheres* boas. Queriam ser simplesmente artistas”, afirma a socióloga Ana Paula Simioni, estudiosa do tema. O comportamento dessas mulheres e sua busca por espaço no mundo das artes nem sempre eram compreendidos, embora o talento fosse reconhecido pela sociedade da época. Por meio da escrita, a poetisa Gilka Machado expressou seus desejos de libertar-se da opressão masculina. “Gilka colocou a mulher como protagonista do poema. É quase que visível o ato sexual, por exemplo, a percepção que é própria do simbolismo, do tato, do cheiro, além da visão”, diz a socióloga Maria de Lourdes Eleutério.

Para serem aceitas, elas precisavam, muitas vezes, mostrar que sua escolha pela arte não as desobrigava de outros papéis sociais. A pintora Georgina de Albuquerque é um exemplo disso. “É uma artista que sabia negociar com as expectativas sociais que se tinha sobre uma mulher artista, que é ser competente, sem negligenciar as funções maternas e de esposa”, explica Simioni.

Desafio semelhante enfrentou a escultora Nicolina Vaz de Assis. “Ela era uma mulher de temperamento fácil, seguiu um pouco mais as regras do jogo e conseguiu, de fato, ser uma escultora muito atuante.”

Na área musical, Chiquinha Gonzaga tornou-se uma referência em termos de piano, tocando em festas e eventos sociais, mas sem deixar de se posicionar sobre questões urgentes de seu tempo, como o fim da escravidão e a República, causas que defendia. “A trajetória da Chiquinha Gonzaga é a história de uma mulher na sociedade patriarcal brasileira do século 19 que rompe a dominação masculina e inventa uma profissão, absolutamente original para a mulher na época”, afirma a pesquisadora Edinha Diniz.

A batalha dessas quatro artistas é tema do documentário *Mulheres Luminosas*, direção de Pedro Pontes, que o SescTV exibe neste mês. O filme traça um perfil dessas mulheres a partir de registros históricos, de depoimentos de pesquisadores e familiares e da reconstrução de algumas passagens da vida das artistas.

FILME MULHERES LUMINOSAS ABORDA A CONDIÇÃO DA MULHER ARTISTA NO FINAL DO SÉCULO 19 E INÍCIO DO 20, NO BRASIL

▶ DOCUMENTÁRIO

Mulheres Luminosas

Dia 25/7, às 20h



Encontro de rappers

FOTO: DIVULGAÇÃO



Foi no bairro do Brooklyn, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, que os rappers Mos Def e Talib Kweli deram seus primeiros passos musicais. O ritmo, a poesia e a atitude do rap espalhavam-se pelas ruas dos subúrbios, atraindo a atenção de jovens músicos. A afinidade compartilhada por ambos gerou o álbum *Mos Def & Talib Kweli are Black Star*, de 1998, considerado ainda hoje um dos trabalhos de referência do rap internacional. “Eu e o Mos somos primeiramente amigos, temos amor pela música e uma visão similar sobre ela. Isto faz com que tenhamos uma boa química”, afirma Kweli.

A cultura africana e o som de grupos como o *Double Trouble*, liderada pelo guitarrista Stevie Ray Vaughan, influenciaram a dupla de rappers. “Nosso estilo de rimar é de trazer a energia de estar rimando em um parque para o palco, sem muita firula, bem simples, e é isto que faz parte da essência do que é o *Black Star*”, diz Kweli.

Após a experiência do disco juntos, Def e Kweli seguiram carreira solo, mas sem perder a relação de amizade. Def também realizou trabalhos como ator, alterando seu nome artístico para Yasiin Bey e atuando em filmes como *Rebobine Por Favor*, *16 Quadras*; e *A Última Ceia*, além de séries norte-americanas, como *Dexter* (sexta temporada).

Em 2011, Def e Kweli tiveram um reencontro nos palcos, para lembrar canções do disco que leva o nome de ambos, como *Definition*; *RE: DEFINITION* e *Respiration*; e *Astronomy*. Os shows passaram a incluir também repertório de trabalhos posteriores de cada

um. Em maio de 2013, eles se apresentaram no palco do Sesc Pompeia. O show foi gravado pelo SescTV e será exibido neste mês.

O programa traz uma versão editada do show, além de entrevista com os músicos, na qual eles relembram sua trajetória e falam sobre referências e afinidades. No fundo do palco, são projetadas, durante todo o show, imagens de referências artísticas dos músicos. “Depois de ficar mais velho, decidi criar uma atmosfera mais dinâmica. Eu tento incorporar elementos visuais distintos, luzes diferentes, mas nada em excesso”, afirma Def. O rapper busca relembrar as pessoas, a natureza ou simplesmente expressa alegria e beleza. “Quando as pessoas têm a oportunidade de ver isto enquanto a música está rolando, isto faz com que a experiência seja ainda mais prazerosa para mim”.

SHOW INÉDITO CELEBRA A PARCERIA DOS RAPPERS NORTE-AMERICANOS MOS DEF E TALIB KWELI

▶ MÚSICA

Black Star

Dia 9/7, às 22h



O feminino das artes

FOTO: DIVULGAÇÃO



Mana Pontez é produtora audiovisual. Trabalhou na produção de séries como *A Vida como ela é* e *Hilda Furacão* e de programas como *Fantástico* e *Você Decide*, na TV Globo. É idealizadora e produtora do documentário *Mulheres Luminosas*, dirigido pelo seu filho Pedro Pontes, que o SescTV exibe neste mês.

“RESOLVI PENSAR EM UM PROJETO PARA REVELAR A MEMÓRIA DOS CAMINHOS PERCORRIDOS PELO FEMININO NAS ARTES”

Como surgiu a ideia do filme *Mulheres Luminosas*?

A ideia surge após meu filho Pedro e eu termos participado de um curso de Helio Eichbauer, no Espaço Tom Jobim. Em uma das aulas sobre artistas brasileiras entre o período de 1890 e 1930, conhecemos a escultora Nicolina Assis. Em São Cristóvão, onde fui criada, há uma escultura feita por ela, de uma serpente em bronze, onde brinquei diversas vezes. Fiquei intrigada. Depois, descobri que ela realizou obras públicas em jardins, parques e praças, como *O Canto das Sereias*, na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, e *Fonte Monumental* (1913/1923), na Praça Júlio Mesquita, em São Paulo, além de ter realizado sete bustos de presidentes brasileiros, hoje no Museu da República. Em outro momento, conheci a Gilka Machado, poetisa simbolista muito perseguida, por ser mulher e ter a coragem de expressar os desejos femininos até então proibidos de se revelar pela sociedade opressora da época. Fiquei indignada em saber que essas duas grandes artistas do fim do século 20 continuam

sem conhecimento do público e resolvi pensar em um projeto para revelar a memória dos caminhos percorridos pelo feminino nas artes.

Como foi o processo de escolha das quatro personagens do filme?

No processo de pesquisa, descobrimos o livro *Mulheres Artistas*, de Ana Paula Cavalcanti Simioni, professora da USP, que discute o ingresso feminino no mundo das artes. Após lermos, contatamos a autora, que trouxe uma série de informações importantes para o documentário. Definimos, então, uma abordagem das primeiras mulheres artistas brasileiras nos quatro segmentos das artes: Nicolina Assis, na escultura; Chiquinha Gonzaga, na música; Gilka Machado, na literatura; e Georgina de Albuquerque, na pintura.

Quais eram as condições da mulher do final do século 19 e início do 20, no Brasil?

Em 1877, época do Império, Machado de Assis defendia que as mulheres ganhassem o direito de ir às urnas. Espirituoso, escreveu: "Venha, venha o voto feminino; eu o desejo, não somente porque é ideia de publicistas notáveis, mas porque é um elemento estético nas eleições, onde não há estética". Machado assistiu à libertação dos escravos, à queda do Império e à proclamação da República, mas morreu sem ver o voto feminino. Seriam necessários longos 55 anos até que as brasileiras fossem finalmente autorizadas a votar. A permissão foi dada por Getúlio Vargas num decreto de 1932. O texto definia que o eleitor era "o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo".

Você acredita que as quatro mulheres retratadas no documentário influenciaram ou foram influenciadas, de alguma forma, por outras mobilizações sociais a respeito dos temas da época (como o fim da escravidão, a República, o sufrágio universal, a emancipação feminina)?

São mulheres que viveram no seu tempo, mas com visão e coragem para sedimentar o caminho que hoje trilhamos. Elas foram vanguarda. É de grande importância conhecermos a nossa história para entendermos as relações na sociedade contemporânea. A importância dessas e outras artistas para a arte brasileira. De como foi preciso que houvesse artistas mulheres corajosas, que enfrentassem o mundo masculino, para abrir espaço para todas as outras. Sem dúvida alguma, não conhecemos a nossa história como deveríamos. A nossa desavença com a memória talvez exista por sermos um povo adolescente, com ânsia imediatista, não valorizamos o nosso passado. Mas, sabemos que quem não conhece a sua história não pode construir o seu futuro. Se pensarmos em uma cronologia do tempo, percebemos que faz pouco tempo que as mulheres começaram a ocupar espaço nas artes, na política, no mercado. Com isso, a sociedade se trans-

"SÃO MULHERES QUE VIVERAM NO SEU TEMPO, MAS COM VISÃO E CORAGEM PARA SEDIMENTAR O CAMINHO QUE HOJE TRILHAMOS. ELAS FORAM VANGUARDA"

forma e todo esse movimento traz muitas conquistas para todos. Acho que hoje a situação das mulheres artistas está mais tranquila.

De que forma a TV contribuiu para o debate a respeito do espaço da mulher na arte?

A contribuição que a exibição do documentário proporciona é a reflexão e discussão sobre o processo de inclusão da mulher e de seu processo criativo nas diversas áreas da cultura brasileira, que só foram possíveis pela coragem e ousadia de grandes mulheres que conseguiram ocupar espaços de poder e decisão inacessíveis a elas até então. E inspira outros projetos, como meu trabalho mais recente, chamado *Caminho da Terra*, sobre as mulheres ceramistas do Vale do Jequitinhonha.

CENA DO FILME MULHERES LUMINOSAS. FOTO: DIVULGAÇÃO



Transgressões (des)organizadas

Cinema Marginal, de Invenção, Marginalizado, Udigrudi, Subterrâneo, Tupiniquim, de Poesia, Experimental, Alternativo. Muitos foram os nomes dados a uma certa cinematografia brasileira surgida no final dos anos 1960, em um contexto de agitação comportamental e repressão política. Assumia-se a proposta de um cinema de autor, já introduzida no Brasil pelo Cinema Novo, cuja maior preocupação era criar a partir da precariedade técnica uma nova linguagem, que por meio de seus aspectos formais dialogava com os conflitos e desigualdades sociais que cruzavam (e ainda cruzam) o país de uma ponta a outra.

No berço da chamada Boca do Lixo, polo de produção cinematográfica localizado no centro da cidade de São Paulo, nasceu uma das vertentes do movimento. Os jovens cineastas Rogério Sganzerla, João Callegaro, Carlos Reichenbach, João Silvério Trevisan se juntariam ainda a Andrea Tonacci, Júlio Bressane, José Agrippino de Paula, Elyseu Visconti, entre outros, para realizar filmes que, em sua radicalização formal, condensavam inquietações sobre o estatuto do cineasta no Brasil pós-Golpe de 1964.

A maneira em que essas inquietações foram traduzidas em termos estéticos, entretanto, assumia um outro tom diferente daquele consagrado pelo movimento cinemanovista, até então mais sisudo e de intuito pedagógico. Como já ressaltaram críticos e pesquisadores, não há demarcações bem definidas dentro da diversidade de posturas e propostas, a não ser alguns traços comuns: o orçamento mínimo, a busca por um cinema sem concessões, autoral, agressivo, que tencionava chocar através da textura da imagem, da violência do gesto e do grotesco. Da *estética da fome* para a *estética do lixo*, trocava-se a seriedade do tratamento dos temas pelo humor ácido e (auto) irônico; o intuito pedagógico e linear por narrativas fragmentadas e descontínuas; o potencial até então certo do cinema como arma da Revolução por uma dúvida contundente sobre seu papel social.

Diante dos elementos acima apontados, gostaria de sugerir neste breve texto uma categoria que me parece bastante pertinente como chave de leitura dessa cinematografia. Trata-se do conceito de *transgressão organizada*, cunhado pelo filósofo francês Georges Bataille (BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013). Bataille acreditava que, desde que o homem se organizou minimamente em comunidades e tribos, instaurou-se o interdito, pertencente ao mundo do trabalho e da razão, e

que teria como objetivo afastar o homem do mundo da natureza. Mesmo com os interditos, entretanto, haveria uma transgressão permitida, até mesmo prescrita, desde que organizada, controlada, circunscrita a determinados espaços, tempos e agentes sociais.

Ora, o que vemos no Cinema Marginal, com bastante recorrência, é o uso da transgressão moral como recurso expressivo. Transgressão que se encontra, entretanto, *desorganizada* pelos cineastas em narrativas caóticas, fragmentadas. Assim, veem-se dois atores mostrarem as nádegas para a câmera em *Orgia ou Homem que Deus Cria*; uma mulher viciada em sexo e impositiva em *A Mulher de Todos*; duas jovens, provavelmente amantes, que rastejam, pulam e emitem grunhidos e falas desconexas em *Matou a Família e Foi ao Cinema*; a presença de personagens consumindo drogas em *Meteorango Kid*; o primeiríssimo plano do corpo de um torturado, com especial visibilidade de seus pelos e sangue, em *Hitler do Terceiro Mundo*. A lista é grande, e o importante a ressaltar é o esforço presente nesses filmes de aproximar homens e uma certa face animalesca, negada pela cultura, em franca atitude provocativa.

Sabemos como, entretanto, esses filmes encontraram obstáculos graves na censura, que impôs numerosos cortes, quando não interditou os filmes na íntegra. A transgressão, dessa maneira, passou a ser *organizada*, domesticada, limitada por barreiras que proviham das esferas da política.

Com a hegemonia do mercado sobre a produção cinematográfica, tornaram-se raras aquelas imagens de textura desagradável e intuito transgressivo, apesar de ainda existirem cineastas de uma produção eminentemente política e autoral, como Sérgio Bianchi, Tata Amaral, Karim Aïnouz, José Padilha, Paulo Sacramento, Kleber Mendonça Filho, dentre tantos outros. Na maioria dos casos, entretanto, sua abrangência está limitada ao circuito de festivais e mostras ou a algumas poucas salas que lhe concedem espaço, além das dificuldades de financiamento por parte do setor privado. Trata-se ainda, portanto, de uma produção circunscrita, delimitada, que procura caminhos para transpor a muralha que a circunda.

Caio Lamas é cineasta, editor de vídeo e mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP.

ÚLTIMO BLOCO

PALAVRAS ESCRITAS

O SescTV exhibe, neste mês, o episódio inédito *Palavras Escritas*, da série CurtaDoc, que aborda o tema em dois curtas-metragens latino-americanos. *Braille: a Vida pelo Toque*, de Rodson Baldan, retrata, por meio de deficientes visuais, a relevância do sistema Braille e a forma como essa leitura possibilita a inserção de pessoas nas inúmeras atividades do cotidiano e no mercado de trabalho. *Transcrever*, de Paulo Murilo Fonseca e Pollyana Ferrari, compara o livro digital e o livro impresso, com depoimentos de acadêmicos, editores, escritores e profissionais da área da leitura, que relatam a diversidade do mundo relacionado às publicações, nos dois formatos. CurtaDoc tem direção de Kátia Klock. **Dia 22/7, às 21h. L**

FOTO: CORACI RUIZ



IDENTIDADES COMPARTILHADAS

A identidade angolana e as relações entre Brasil, Portugal e o país africano reveladas a partir da troca de cartas e mensagens é o tema do documentário *Cartas para Angola*, dirigido por Coraci Ruiz e Julio Matos. As histórias das pessoas revelam dados de suas culturas, amores, preconceitos sofridos, a arte, a poesia e esboçam sua concepção de identidade humana e nacional. O filme retrata ainda a presença social e cultural de Angola a partir do ponto de vista de pessoas que têm a vida relacionada à cultura africana. **Dia 25/7, às 23h. 10**

AMADEU ROSA & CHRYSYIAN DOZZA. FOTO: DIVULGAÇÃO



NOVA GERAÇÃO DE VIOLONISTAS

A nova geração de violonistas brasileiros é apresentada em cinco episódios inéditos da série Movimento Violão, com o tema Jovens Concertistas Brasileiros. Os espetáculos foram gravados em 2013, em unidades do Sesc em São Paulo. Alexandre Gismonti & Michel Maciel, **dia 01/7**; André Simão & Glauber Rocha, **dia 08/7**; Franciel Monteiro & Aulus Rodrigues, **dia 15/7**; Amadeu Rosa & Chrystian Dozza, **dia 22/7**; Elodie Bouny & Thiago Colombo, **dia 29/7, sempre às 21h30**. Curadoria de Paulo Martelli. **L**

MÊS DO ROCK

O SescTV apresenta, no mês em que se celebra o Dia Mundial do Rock, programação com shows e documentários que abordam o gênero musical. Dentre os destaques, show do grupo *Inocentes*, representante do movimento punk paulista da década de 1980. **Dia 12/7, às 19h**. O Instrumental Sesc Brasil traz dois programas sobre o tema: no **dia 12/7, às 17h**, o quarteto *Los Twang! Marvels*, formado por músicos chilenos e argentinos. E, no **dia 13/7, às 19h**, show de Sérgio Hinds, guitarrista de rock progressivo dos anos 70. As influências do rock brasileiro nos anos de 1960 e 1970 estão no episódio *Microfonias e Psicodelias* da série Temporal, com depoimento de Sérgio Dias, que integrou a banda Mutantes. **Dia 13/7, às 17h**. Confira programação completa e classificação indicativa no site.

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesc.tv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

sescsp.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães
Redação: Adriana Reis e Mariana Souza
Editoração: Marcos Pereira Moreira
Revisão: Marcelo Almada

SescTV

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesc.tv.sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sesc.tv.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vídeo com os destaques da programação.

Movimento Violão

Jovens Concertistas Brasileiros

todas as terças, às 20h

Foto: Mike Oug | sxc.hu

em julho

Acompanhe: sesctv.org.br



Sesctv